

# As facas de Sal Grosso

São José

ANIELA BASTOS

O apelido é inevitável: Sal Grosso. A marca, também: Vira Bosta. Mas a história é boa.

Surta das bancas da Festa Primitiva, que ocorre juntamente com o 10º Rodaço Internacional do CIG Os Primitivos, em São José, na Grande Florianópolis, um expositor chama a atenção pela beleza do que produz.

O ex-surgente da Força Armada Richard Fontoura, que se apresenta como Sal Grosso, expõe facas produzidas de forma artesanal.

Em média, leva de sete a quatro dias para produzir cada uma. E não faz mais do que 22 unidades anuais. Com um detalhe: o aço das lâminas foi, originalmente, usado na fabricação de trens.

Armed consegue os seus materiais em latões. O material vem de engios das antigas usinas fluminenses, mas também já foi feito usando mela do Ford 70 e até mesmo de lâmpa de sódio.

Para os olhos, são peças de artefatos, de aplicações, desde de cores, incluindo ferraduras em carvão) e madeiras variadas. As bancas são pre-



Sal Grosso era um bom soldado. Além disso, costuma gravar frases em latão nas lâminas. Com isso, dá um caráter exclusivo a cada exemplar e relembra certos períodos da história.

— Sal Grosso tem a ver com vida camponesa, e esta, com charrasco, e este, com cultura, e por aí vai — diz.

Sobre a escolha do nome Vira Bosta, ele explica:

— É um alusão ao bezerro que vira o estorço e ajuda a adubar a terra. Não apressa por levantar 50 quilos e ser peso, mas pela força que dá à nossa terra, onde desempenha um papel fundamental

na natureza.

dem em bolsa. Os objetos são exportados para Estados Unidos, Europa e América do Sul. Os preços variam de R\$ 200 a R\$ 2 mil.

Muitos compradores são da Região Sul do Brasil, com um bom destaque para Santa Catarina. Não só por causa do gosto pela vida camponesa, mas também pelo apelo à cultura.

A inspiração veio do avô, que também era catalão. Há 30 anos. Com o passar do tempo, sentiu necessidade de estudar. Pesquisou, analisou os estudos e acabou por achar que

na natureza.

O artefato diz que não tem o objetivo de produzir a sua especialidade em grande escala. Admite que dinheiro faz bem, mas não mais do que o suficiente para o normal: ter sempre uma boa comida, uma possibilidade de proporcionar um amigo e uma oportunidade de trabalhar as pessoas. Diz o galês, que vive no município de Lacer, na Grande Porto Alegre.